



I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA PRÁTICA
5 a 7 de outubro de 2021

Tema:
Pastoral Urbana

Transmissão ao vivo no **YouTube** pelo canal do **IFT PUC Minas**



Organizador

Roberlei Panasiewicz

ANAIS DO I SIMPÓSIO DE TEOLOGIA PRÁTICA
Pastoral Urbana

PUC Minas, 5 a 7 de outubro de 2021

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Comunicações e Textos Completos

Grupos Temáticos (GTs)

Belo Horizonte

PUC Minas

2021

Os textos publicados são de responsabilidade de cada autor

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S612a	<p>Simpósio Internacional de Teologia Prática (1. : 2021: Belo Horizonte, MG) Anais do I Simpósio Internacional de Teologia Prática [recurso eletrônico]: pastoral urbana / organizador Roberlei Panasiewicz. Belo Horizonte: PUC Minas, 2021. <i>E-book</i> (40 p.)</p> <p>ISBN: 978-65-88331-67-5</p> <p>1. Teologia pastoral. 2. Evangelização. 3. Igreja e problemas sociais. 4. Igrejas urbanas. 5. Missões urbanas. I. Panasiewicz, Roberlei. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa. III. Título.</p> <p>SIB PUC MINAS</p> <p>CDU: 25</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

COMISSÕES E ORGANIZAÇÃO

Coordenação geral:

Prof. Dr. Jean Richard Lopes

Comissão Organizadora:

Prof. Dr. Amarildo José de Melo

Prof. Dr. Carlos Alberto Motta Cunha

Prof. Dr. Cleto Caliman

Prof. Dr. Edward Guimarães

Prof. Dr. Jean Richard Lopes

Prof. Dr. Junior Vasconcelos do Amaral

Prof. Dr. Luís Henrique Eloy e Silva

Prof. Dr. Renato Alves de Oliveira

Prof. Dr. Roberlei Panasiewicz

Profa. Dra. Solange Maria do Carmo

Comissão Científica:

Profa. Dra. Andreia Serrato – PUC Paraná

Profa. Dra. Aparecida Maria de Vasconcelos – FAJE

Profa. Dra. Aurea Marin Burocchi – ISTA

Prof. Dr. Boris Agustin Nef Ulloa – PUC SP

Prof. Dr. Cláudio Ribeiro – UFJF

Prof. Dr. José Sebastião Gonçalves – ISTA

Prof. Dr. Luís Henrique Eloy e Silva – PUC Minas

Prof. Dr. Leonardo Pessoa – PIB Roma

Prof. Dr. Paulo Sergio Carrara – ITESP

Prof. Dr. Renato Alves de Oliveira – PUC Minas

Prof. Dr. Roberlei Panasiewicz – PUC Minas

Prof. Dr. Roberto Zwetsch – EST

Secretário:

Walison Dias da Silva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES.....	9
<i>GT 1 – Pastorais de anúncio e formação.....</i>	9
A proibição do tráfico de pessoas no Código da Aliança (Ex 21,16)	9
<i>Elton da Silva Santana</i>	
Pandemia e orientação espiritual em diálogo com o pensamento de Viktor Frankl	9
<i>Aíla Luzia Pinheiro de Andrade</i>	
O mandato de Deus para exterminar outras nações: análise da noção do <i>hērem</i> em Dt 7,1-6 e suas implicações na sociedade atual.....	10
<i>Jeferson Martins da Conceição</i>	
O discurso missionário de Mt 10,5-16: inspiração para a ação missionária hoje.....	11
<i>Junior Vasconcelos do Amaral</i>	
<i>GT 2 – Pastorais sociais e de fronteira</i>	11
A Igreja como antítese da lógica capitalista da cidade	11
<i>Raquel Pacheco Mourão</i>	
A ética social do Papa Francisco e a pastoral em saída	12
<i>Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves</i>	
Pastoral Urbana e Sobriedade: reuniões on-line, nova realidade dos Grupos de A.A.	12
<i>Douglas Jorge Arão</i>	
Os desafios do anúncio do reino em um mundo urbano.....	13
<i>Francisco Gessenilton do Nascimento, Marcílio Oliveira da Silva, Pedro Henrique Araújo Filgueiras Carvalho Pessoa</i>	
Igrejas de mercado, crítica decolonial e pastoral urbana humanizadora... 14	
<i>Carlos Alberto Motta Cunha</i>	
<i>GT 3 – Temas Abertos</i>	14
FotoSophia: a imagem da periferia da cidade	14
<i>Jhon Lucas Ferreira Lopes Silva</i>	

A Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> e suas contribuições para a superação da violência e solidariedade no mundo urbano.....	15
<i>Waldir Souza, Rivael de Jesus Nascimento</i>	
O uso da língua vernácula como expressão legítima e pública da fé.....	15
<i>Patrik Bruno Furquim dos Santos</i>	
TEXTOS COMPLETOS	17
A leitura popular da Bíblia como pastoral da linguagem.....	17
<i>Kinno Alves Cerqueira</i>	
Pastoral Urbana e Sobriedade: Reuniões on-line, nova realidade dos Grupos de A.A.	24
<i>Douglas Jorge Arão</i>	
Os desafios do anúncio do reino no mundo urbano	30
<i>Francisco Gessenilton do Nascimento, Marcílio Oliveira da Silva, Pedro Henrique Araújo Filgueiras Carvalho Pessoa</i>	
A Encíclica <i>Fratelli tutti</i> e suas contribuições para a promoção da paz e solidariedade no mundo urbano.....	35
<i>Waldir Souza, Rivael de Jesus Nascimento</i>	

APRESENTAÇÃO

O mundo urbano encontra-se cada vez mais interpelado pela dinâmica das “cidades líquidas”. A Igreja cristã precisa encarnar-se nestes espaços afirmando “um Deus com rosto humano e urbano”. Movido pela inquietação de pensar e fazer uma *pastoral urbana* de modo aberto e inconcluso, o Departamento de Teologia da PUC Minas propõe um ambiente de diálogo transdisciplinar. Compreende que multiplicar os ângulos de aproximação sobre a temática com a presença de especialistas, pode favorecer uma pastoral engajada que testemunhe o evangelho de Jesus Cristo.

Objetivo:

Geral:

Compreender o cenário contemporâneo e apontar caminhos para práticas pastorais no mundo urbano, inspirada na Igreja em saída, proposta pelo Papa Francisco.

Específicos:

Refletir sobre as conceituações, as práticas e os desafios da pastoral urbana no contexto da cidade-mundo e do mundo-cidade.

Analisar as novas configurações dos sujeitos urbanos e as fragilidades das pastorais.

Propor novos caminhos para a ação pastoral das Igrejas Cristãs no mundo urbano.

Justificativa:

Muito se tem falado sobre o mundo complexo das cidades e seus desafios, que obrigam a pastoral cristã a abandonar o formato interiorano e empurram-na para assumir uma feição mais urbana. Apesar dos esforços, a práxis pastoral não se mostra satisfatória e, na academia, a temática segue provocando e estimulando novas análises. As Igrejas Cristãs continuam se esforçando, dizer uma palavra crível aos contemporâneos e se tornar presença transformadora na sociedade.

A variedade de desafios contemporâneos exige pensar de forma criativa e dinâmica a ação pastoral. Tanto no campo da pesquisa acadêmica quanto da práxis pastoral, o mundo complexo segue misterioso e desafiador, e a Pastoral Urbana persiste como um dos maiores desafios das Igrejas Cristãs na atualidade.

Destinatários:

Se destina aos agentes de pastoral, presbíteros, pastores, pastoralistas, evangelizadores, estudantes e professores de cursos de graduação e pós-graduação e interessados em refletir sobre o tema.

Programação:

05/10

19h: Abertura Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Conferência: Pastoral Urbana: Conceituações, Práticas e Desafios

*Dom Joaquim Guimarães Mol – Reitor PUC Minas

Descrição: A “pastoral urbana” vem se construindo no decorrer da história do cristianismo a partir dos desafios colocados pelas sociedades modernas às Igrejas cristãs. Sem um consenso sobre o seu significado, as comunidades de fé têm desenvolvido estratégias pastorais que melhor favoreçam o anúncio inculturado do Evangelho. Uma pastoral com uma consciência planetária nesta nova sociedade do conhecimento não se restringe às demandas eclesiais, mas anseia por práticas a serviço do planeta e de toda humanidade. Como compreender o conceito de Pastoral Urbana hoje? Estaria ela disposta

a repensar as suas próprias categorias e práticas? Qual é o seu sentido no contexto de sociedades cada vez mais críticas às instituições religiosas?

06/10

8h30: Conferência: Cidade-Mundo e Mundo-Cidade

*Profa. Msa. Rosana Manzini – PUC SP

Descrição: O fenômeno da urbanização, cada vez mais, expressa a relação entre o local e o global. A interdependência do mercado global e das finanças, como também a onipresença dos meios de comunicação e das mídias sociais, influenciam os espaços habitados, das cidades e do ambiente rural, com implicações políticas, econômicas, culturais e religiosas. Caracterizadas por uma coexistência plural e móvel, as grandes cidades reproduzem essa complexidade, apresentando vários desafios urbanísticos, arquitetônicos e antropológicos. Como as comunidades cristãs inseridas nessa realidade podem responder aos desafios e contribuir com a construção de um espaço urbano humanizado? 10h30: Mesa redonda: Novas Configurações dos Sujeitos Urbanos

* Prof. Dr. Moisés Sbardelotto e Profa. Dra. Solange Maria do Carmo

Descrição: Com a chegada da pós-modernidade, nossa sociedade despede-se definitivamente do mundo rural e abraça o modelo dos grandes centros urbanos, cuja marca é a complexidade. Mudando a sociedade, mudam também os indivíduos, inclusive o sujeito crente. Aquele cristão fiel, com laços de pertença bem estabelecidos com as Igrejas, cedeu lugar para um indivíduo mais solto, sem laços contratuais e com demandas bem mais exigentes em relação a fé. Essa mudança pode ser observada por meio do fenômeno da subjetivação da crença, também presente nas Igrejas cristãs. Como compreender esse sujeito crente dos meios urbanos? Quem é ele? O que ele busca? Quais seus anseios e suas angústias? Como falar ao seu coração de crente? Essas são algumas perguntas que orientarão o debate.

06/10

14h-17h: Comunicações

Sala 1: Pastorais de anúncio e formação

Sala 2: Pastorais sociais e de fronteira

Sala 3: Temas abertos

06/10

19h30: Conferência: Fragilidades das Pastorais Urbanas

*Dom Joel Portella Amado – Secretário Geral Da CNBB

Descrição: As sociedades globalizadas da contemporaneidade apresentam desafios paradoxais, pois realidades particulares e universais se aproximam e se distinguem pelas especificidades locais. Nessa perspectiva, a fragilidade das pastorais urbanas passa pela falta de conhecimento das novas configurações das cidades. A noção de espaço geográfico, de tempo e das concepções paradigmáticas se articulam com situações de mudanças culturais e religiosas, migrações, exclusões sociais etc. Não saber lidar com as novas tecnologias e com questões de gênero, étnico-racial e emergência de novas concepções e de construções familiares empobrecem, dispersam e tiram o foco do sentido

da evangelização. Como lidar com essas fragilidades que envolvem, perpassam e transpassam as atividades pastorais?

07/10

8h30: Conferência: Práticas Pastorais no Mundo Urbano

*Prof. Dr. Antonio Ernesto Palafox Cruz – UPM (México)

Descrição: O mundo urbano desafia a Igreja e exige que sua ação pastoral e evangelizadora seja repensada. As pastorais herdadas da cristandade e da modernidade têm persistido, mas nem sempre se mostram ajustadas ao novo modelo social, tão plural e diversificado. Saber discernir os sinais dos tempos e ouvir com atenção os apelos da cidade é condição para discernir as práticas pastorais e evangelizadoras mais apropriadas para o tempo presente. Que pastorais da Igreja devem ser preservadas e incentivadas? Que novas iniciativas podem nascer do clamor do homem e da mulher da cidade? Na pluralidade da sociedade e da igreja, haverá um paradigma pastoral mais condizente com as urgências atuais? A Igreja está preparada para enfrentar o desafio de ser uma presença servidora e amiga no mundo urbano?

07/10

10h15: Mesa redonda: Pastoral em Saída

* Prof. Dr. Victor Gaudino Feller – FSL e Dra. Alzirinha Rocha de Souza

Descrição: Esta mesa sobre a pastoral em saída tem por objetivo pensar a Pastoral Urbana, a partir da perspectiva da eclesiologia do Papa Francisco. Urge repensar a Igreja, seu lugar no mundo e sua ação pastoral segundo uma perspectiva samaritana, acolhedora, humilde, aberta à cultura urbana, à comunicação virtual, aos sonhos, às angústias e aos sofrimentos dos contemporâneos. Trata-se da superação de uma pastoral desenvolvida conforme o modelo rural, no qual o pároco gozava da confiança e do respeito da comunidade, e de implantar uma ação pastoral do testemunho encarnado na realidade pós-moderna e urbana.

Evento On-line: [Canal do Youtube IFT - PUC Minas](#)

Informações

Telefone: (31) 3319-4633

e-mail: simposioteologiapratica@gmail.com

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

GT 1 – Pastorais de anúncio e formação

A proibição do tráfico de pessoas no Código da Aliança (Ex 21,16)

Elton da Silva Santana
Mestrando em Teologia Bíblica
PUC SP

Resumo: O Código da Aliança (CA) é uma coletânea de leis (provavelmente, as mais antigas leis de Israel) que tratavam das formas mais primitivas do culto israelita e da proteção dos mais fracos da sociedade; como os escravos, os estrangeiros, as viúvas, os órfãos etc. Nele, podemos encontrar um dos primeiros textos em defesa dos direitos humanos. Como exemplo de legislação que protege os mais pobres, propomo-nos a apresentar a micronarrativa de Êxodo (Ex 21,16) que diz: “E se alguém raptar uma pessoa, ou for pego em suas mãos, certamente será morto.” Esta micronarrativa, como parte do conjunto de leis do Antigo Israel que procurava assegurar o mínimo de dignidade aos mais vulneráveis, certamente sofreu influência da legislação do Antigo Oriente Médio, porém, adaptando-a a realidade do povo israelita. E o que um texto escrito a três mil anos atrás tem a ver com a nossa realidade, especialmente com a complexa realidade urbana? Certamente, o mundo ocidental bebeu e se fundamentou da cultura judaico-cristã. Os seus valores estão enraizados ainda hoje nos diversos cantos, mesmo metropolitas. Por isso, é de fundamental importância que possamos discorrer sobre os textos bíblicos que trazem à tona a defesa a dignidade humana, do qual, ainda hoje é transgredida. Como é o caso de milhões de pessoas que são submetidas a esta trágica situação do tráfico humano. E que sem dúvidas, o texto bíblico tem muito a dizer em favor destas pessoas exploradas.

Palavras-chave: Tráfico de pessoas. Código da aliança. Pentateuco.

Pandemia e orientação espiritual em diálogo com o pensamento de Viktor Frankl

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade
Doutora em Teologia.
UNICAP
aila.andrade@unicap.br

Resumo: O sofrimento humano representa um grande desafio para os autores bíblicos. No Antigo Testamento, o movimento sapiencial foi que, de modo privilegiado, debruçou-se sobre essa questão. No Novo Testamento, os seguidores de Cristo trataram de enfrentar teologicamente o problema da cruz e do martírio. Na atualidade, com o novo corona vírus, a prática da orientação espiritual tem como desafio ajudar pessoas a encontrarem um sentido para viver e para continuar crendo, mesmo quando a vida parece não ter qualquer sentido e a dúvida se sobrepõe à fé. O objetivo da comunicação é tecer algumas pistas para ajudar quem pratica a orientação espiritual a fim de que sejam ministros da

misericórdia em favor dos crucificados deste mundo, que os ajudem a readquirir a esperança e a se manter fiéis mesmo em situações de grande sofrimento. A metodologia consiste em partir dos dados bíblicos e da teologia prática, fazer um diálogo com alguns textos do logoterapeuta Viktor Frank sobre o atendimento a pessoas em sofrimento inevitável. As principais conclusões mostram a exigência de que a teologia prática se engaje realmente numa práxis verdadeiramente cristã em função de uma Igreja em saída solidária com o sofredor.

Palavras-chave: Orientação espiritual. Sofrimento. Sapienciais. Viktor Frankl.

O mandato de Deus para exterminar outras nações: análise da noção do *hērem* em Dt 7,1-6 e suas implicações na sociedade atual

Jeferson Martins da Conceição
Graduado em Filosofia e graduando em Teologia
PUC Minas
martins.jeferson@hotmail.com

Resumo: Há muitos relatos bíblicos que, dependendo da interpretação, podem ser considerados incitadores de atos de violência contra outras religiões. Desse modo, a pesquisa busca compreender a crescente discriminação religiosa entre grupos de matriz religiosa diferentes, justificadas como obediência ao mandato divino e o dever de destruir tudo aquilo que é identificado como ação idolátrica. Para melhor compreender a situação, propõe-se uma investigação que articule dois aspectos fundamentais: 1) Estudo exegetico, teológico e hermenêutico da noção do *hērem* (extermínio), presente no livro do Deuteronômio 7,1-6; esse texto faz parte de uma conceituação mais abrangente, que associa Deus, fidelidade religiosa e violência; e 2) Uma análise de campo que permita identificar o uso que se faz das noções provenientes do texto bíblico e sua influência na postura religiosa atual, geradora de violência e discriminação; para isso se fará uma pesquisa sobre a recorrência dos textos bíblicos com imagens e campo semântico de violência nas páginas oficiais de igrejas cristãs. A análise do termo bíblico e sua presença no livro do Deuteronômio evidenciou que o *hērem* possui um sentido religioso de Aliança que se insere em uma dimensão teológica, e não histórica. Além disso, os textos que relacionam atos de violência a um mandato divino possuem um contexto determinado com características e realidades socio-histórico-teológicas específicas, relacionadas com a construção da identidade de Israel. Na sociedade atual, estes paradigmas são diferentes e, por isso, os textos precisam ser interpretados para além de uma leitura fundamentalista e literal.

Palavras-chave: *Hērem*. Deuteronômio. Violência. Aliança. Fundamentalismo.

O discurso missionário de Mt 10,5-16: inspiração para a ação missionária hoje

Junior Vasconcelos do Amaral
Doutor
PUC Minas e ISTA

Resumo: Esta comunicação visa a ler e analisar o texto de Mt 10,5-16, averiguando os principais elementos instrucionais para ação missionária dos discípulos de Jesus: 1) a proibição de se dirigirem aos territórios pagãos e cidades samaritanas (vv. 5-6); 2) as ações que devem ser cumpridas (anunciar o Reino, curar os enfermos, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos, expulsar demônios, de graça dar o que de graça receber), lembrando da abnegação pelo caminho e o desapego material na missão (vv. 7-10); 3) e as instruções complementares, que apresentam o método da ação missionária e as dificuldades inerentes à mesma (vv. 11-16, sobremaneira destacado o v. 16). A intenção é perceber na missão *ad intra*, da comunidade mateana, configurada a partir da missão dos doze, instruídos por Jesus, os elementos que configuram a missão hoje, em perspectiva hermenêutica, salvaguardando as devidas proporções ao texto de Mt e à comunidade mateana. Como e em que medida os cristãos hoje podem se inspirar no evangelho de Mateus para pensar a missão da igreja em saída, proposta encorajada pelo papa Francisco em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.

Palavras-chave: Missão. Evangelho de Mateus. Papa Francisco. *Evangelii Gaudium*.

GT 2 – Pastorais sociais e de fronteira

A Igreja como antítese da lógica capitalista da cidade

Raquel Pacheco Mourão
Graduanda em Teologia
PUC Minas

Resumo: A urbanização é resultado das transformações sociais advindas do desenvolvimento capitalista. Nesse sentido, a cidade é uma das formas de materialização da nossa sociedade. Constitui-se por espaços geográficos de aglomeração, de fluxos de pessoas e de capitais. A lógica da cidade absorve características do capitalismo que são cruéis e desumanas. Assim como no capitalismo, a cidade é um lugar de constante competição que se dá em decorrência da existência de poucos recursos e poucas possibilidades para muita gente tentando sobreviver. De modo geral, as relações na cidade são estabelecidas pelo prisma econômico financeiro, ou seja, as pessoas são valorizadas pelo quem tem e não pelo que são. Tal como o capitalismo, a cidade é excludente, individualista e intolerante. A Igreja de Cristo é chamada a cumprir sua missão nesse cenário, evangelizando homens e mulheres fruto desse sistema de organização social que produz nos indivíduos sobrecarga, esgotamento, desamparo e solidão. Diante disso, o presente artigo pretende analisar a relação cidade e individuo pela ótica da busca da sobrevivência e, em paralelo, a relação Igreja e individuo tendo como base o texto de Mt

2.28-30. Jesus ofereceu descanso e paz aos seus seguidores, da mesma forma, a Igreja que visa ser relevante no contexto urbano precisa ser um lugar de refrigério, descanso e restauração, onde as pessoas possam “baixar a guarda” da luta diária, ser acolhidas e amadas como são.

Palavras-chave: Capitalismo. Cidade. Igreja. Missão.

A ética social do Papa Francisco e a pastoral em saída

Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves
Mestre em Teologia
ITF – Instituto Teológico Franciscano

Resumo: Neste presente trabalho pretendemos analisar o pensamento do Papa Francisco e sua proposta de uma igreja em saída, conseqüentemente uma pastoral em saída. Analisar-se-á seus pronunciamentos e a preocupação com os mais necessitados, além de procurar dar dignidade ao ser humano em uma sociedade que prega a cultura do descarte. Assim utilizamos a metodologia de análise bibliográfica para compreender o posicionamento ético de Francisco diante dos problemas sociais. Apresentar-se, num primeiro momento, a realidade da cultura do descarte e o individualismo, atrelando a esta reflexão a promoção da dignidade humana como quando afirma que todos devem ter: terra, teto e trabalho. Em seguida, buscar-se-á, evidenciar o desejo de Francisco por uma Igreja menos hierárquica e mais dialogal, atenta aos clamores dos mais pobres. Por fim, apresentar-se-á os pronunciamentos do Papa Francisco em prol de uma sociedade igualitária e uma conduta mais pautada na justiça e no respeito dos direitos invioláveis de todo ser humano. Para tanto mostrar-se-á a necessidade de uma cultura do encontro, contra uma cultura do descarte e do consumo. Contudo, é possível concluir que somente com o diálogo e o exercício do poder como serviço é que será possível construir um mundo melhor. Contudo, uma Igreja em saída para as periferias, além de não querer ser o centro, preocupa-se com os mais frágeis e deseja servir a todos, se distinção.

Palavras-chave: Papa Francisco. Igreja em saída. Pastoral em saída. Periferias. Cultura do descarte.

Pastoral Urbana e Sobriedade: reuniões on-line, nova realidade dos Grupos de A.A.

Douglas Jorge Arão
Mestre em Teologia Moral
PUC Minas

Resumo: “Pior do que esta crise, só o drama de a desperdiçar, fechando-nos em nós mesmos”, advertiu-nos o Santo Padre o Papa Francisco, na homilia da celebração que presidiu na Basílica de São Pedro, por ocasião da celebração de Pentecostes de 2020. A maneira de não desperdiçar a Crise provocada pelo Covid-19 se configurou de diversas formas em diversos âmbitos. O impacto com a realidade do distanciamento, da impossibilidade de reuniões e a necessidade de se evitar aglomerações, foi sentido de maneira muito forte, especialmente em grupos de pessoas que usam a troca de experiências, os depoimentos e testemunhos reais de suas vidas como forma terapêutica

para superar a própria incapacidade e impotência perante a droga lícita do álcool como é o caso dos Alcoólicos Anônimos (A.A.). O modo como um desses grupos enfrentou a crise investindo tempo e criatividade em um esforço comum para tornar realidade as reuniões on-line de A.A., é o objeto deste trabalho. Por motivos óbvios, a identidade do grupo e de seus membros devem permanecer ignotas ao leitor. O método utilizado consta de depoimentos, escritos ou orais, colhidos por membros do referido grupo, a eficácia cotidiana da forma on-line (“só por hoje”), com o objetivo de perceber possíveis contribuições para a Pastoral Urbana da Sobriedade. Conclui-se que a modalidade remota das reuniões permitiu um alcance maior do grupo, crescimento considerável de seus participantes e eficácia nos resultados de abstinência de seus membros, dentre outros aspectos positivos.

Palavras-chave: Pastoral Urbana. Alcoólicos-Anônimos. Teologia. Sobriedade.

Os desafios do anúncio do reino em um mundo urbano

Francisco Gessenilton do Nascimento - Graduado em Filosofia e em Teologia –
Faculdade Católica RN
gesse_vipe@hotmail.com

Marcílio Oliveira da Silva - Graduado em Filosofia e em Teologia; Mestrado em
Teologia – UNICAP
marcveni4312@gmail.com

Pedro Henrique Araújo Filgueiras Carvalho Pessoa - Graduando em Filosofia -
Faculdade Católica RN
pedoh157123@gmail.com

Resumo: Tendo em vista o atual contexto urbano, cada vez mais plural, diverso e complexo, este trabalho tem como objetivo perceber os desafios do anúncio do reino nos tempos de hoje, partindo do tema da evangelização urbana. Sabemos que a expansão e anúncio do Reino de Deus está intimamente relacionado com nossa ação evangelizadora e missionária. Contudo, mesmo com toda dinamicidade, muitos problemas podem se impor a seu anúncio. Por isso, a partir da metodologia bibliográfica, buscamos compreender como e em que medida o reino de Deus tem sido pregado, de modo especial no atual contexto de grandes mudanças sócio-políticas e quais são os principais obstáculos que ao seu anúncio se antepõem. Ao final da pesquisa, concluímos que o anúncio do Reino dos Céus precisa ser atualizado, sem antes mudar a mensagem evangélica.

Palavras-chaves: Reino de Deus. Anúncio. Urbanização.

Igrejas de mercado, crítica decolonial e pastoral urbana humanizadora

Carlos Alberto Motta Cunha
Doutor em Teologia
PUC Minas

Resumo: Por mais que a cidade seja um lugar plural e favoreça intercâmbios de modos de vida, existe o pensamento que resiste à alteridade e almeja se impor de forma única. O neoliberalismo é assim. A sua uniformidade proposta é regida por um nexos econômico e político anti-humano, irracional e injusto. O mercado se impõe como uma divindade perversa fomentando individualismo, consumo desenfreado e indiferença nos seus seguidores. O centro neoliberal perverte e instrumentaliza o âmbito da crença ao ponto de gerar barganhas entre o indivíduo e a divindade e a venda de “produtos religiosos”. O espaço da fé se converte em casa de negócio e o religioso se transforma em empreendedor das coisas “sagradas”. Este cenário é desafiador para uma teologia da cidade decolonial e uma pastoral libertadora. O objetivo desta comunicação consiste em criticar a “teologia da prosperidade” como uma teologia de mercado absorvida e proclamada pelos “empresários da fé” e, ao mesmo tempo, apontar caminhos para uma teologia pastoral decolonial. A reflexão se divide em três momentos. Primeiro, criticar os anseios da ideologia da prosperidade e o seu impacto nas igrejas e na sociedade. Segundo, mostrar a importância de decolonizar a teologia para que emerga o seu substrato libertador. Terceiro, apontar caminhos para uma pastoral urbana engajada e humanizadora. O alvo desta caminhada é mostrar que teologias pertinentes e críticas para o mundo urbano de hoje são aquelas que compreendem melhor a sua responsabilidade histórica a serviço do ser humano e da natureza. Sem querer ter monopólio da verdade sobre o Divino e das relações com Ele, elas se posicionam na atualidade como teologias de alteridade, de pensamento crítico e ação eficaz.

Palavras-chave: Ideologia da prosperidade. Teologia decolonial. Pastoral urbana. Humanização.

GT 3 – Temas Abertos

FotoSophia: a imagem da periferia da cidade

Jhon Lucas Ferreira Lopes Silva
Graduado em Filosofia
ISTA

Resumo: A presente comunicação carrega nas suas páginas a tentativa de compreender a periferia da cidade a partir do olhar fotográfico. Para tal empreendimento, recorreremos aos estudos incipientes sobre uma futura Filosofia da Fotografia do pensador Vilém Flusser. O intuito aqui, é apresentar as imagens como mediação entre homem e mundo e o fenômeno da servidão do homem às imagens na chamada Sociedade pós-industrial. Ora, o que vimos é a inversão da função das imagens. O propósito das imagens é auxiliar o sujeito na leitura da realidade. Contudo, o homem pós-industrial viver em função das imagens agrilhado à idolatria.

Palavras-chave: FotoSophia. Imagem. Cidade. Realidade.

A Encíclica *Fratelli Tutti* e suas contribuições para a superação da violência e solidariedade no mundo urbano

Waldir Souza – Doutor em Teologia – PUC PR

waldir.souza@pucpr.br

Rivael de Jesus Nascimento – Doutorando em Teologia – PUC PR

pe.rivael@gmail.com

Resumo: A comunicação tem como objetivo apresentar a carta encíclica do Papa Francisco intitulada *Fratelli Tutti* que aborda o tema da amizade e fraternidade social. Esta abordagem centrada nos aspectos que a constroem a paz no mundo urbano. Nas lacunas existentes o amor cristão é sinal de esperança em meio aos “apagões existenciais”. O objetivo do artigo é abordar a fraternidade e amizade social, diante do caos urbano, gerador de violência. O texto vai apontar no primeiro tópico as sombras e a realidade obscura que a humanidade atravessa, onde os limites e as fraquezas ficaram mais em evidência com a pandemia do COVID-19. O segundo item abordará a necessidade de um pensamento ampliado sobre universalidade e solidariedade tão importante para a proximidade dos povos. O terceiro tópico será trabalho no quesito da ampliação das fronteiras, onde o amor e as políticas públicas são somados para a geração da caridade. No último tópico, a necessidade de uma educação que trabalhe a interpretação da cultura, e está resgate os critérios de verdade, na vida urbana transformada por tantos elementos. A conclusão oferecerá as pistas de ação de acordo com o que o Papa Francisco orienta a humanidade para o testemunho dos vínculos do amor cristão, tão importante e todas as cidades. O método usado no artigo é o dedutivo com uma metodologia qualitativa bibliográfica.

Palavras-chave: Fraternidade. Amor. Urbano. Amizade. Solidariedade.

O uso da língua vernácula como expressão legítima e pública da fé

Patrik Bruno Furquim dos Santos

Especialista em Biblioteconomia e Gestão de Bibliotecas Públicas

Faculdade Única-MG

Resumo: O Filho não apenas se encarnou na pessoa de Jesus Cristo, mas também se encarnou numa realidade que tinha sua cultura sociopolítica. Quando criança Jesus observou seu pequeno vilarejo de Nazaré e isso serviu como base para anunciar o Reino de Deus. O método mais utilizado por Jesus foi as parábolas. Ao narrar as parábolas, Jesus transcende a cotidianidade inserindo a dinâmica do Reino de Deus, ou seja, Jesus utiliza daquilo que seu público principal conhecia, por exemplo, figuras a respeito do campo, pastor, ovelha, sementes, tipos de plantas, enfim, e deste modo mostrava a face misericórdia do Pai. A importância da língua vernácula como expressão legítima e pública da fé cristã está justamente na encarnação cultural sociopolítica do emissor e no entendimento claro da proposta do Reino de Deus do receptor, para assim, juntos tanto receptor e emissor como corpo eclesial poder expressar sua vivência crista seja ela desde as simples orações até a prática pastoral. Portanto, o texto tem como objetivo analisar o uso da língua vernácula na expressão legítima e pública da fé, ou seja, de meras pessoas que apenas “assistiam” a liturgia com o uso da língua vernácula passaram a “participar” da liturgia.

Palavras-chave: Vernácula. Liturgia. Fé.

TEXTOS COMPLETOS

A leitura popular da Bíblia como pastoral da linguagem

*Kinno Alves Cerqueira**

RESUMO

Neste trabalho, discute-se a necessidade de uma Pastoral da Linguagem e apresentam-se algumas razões por que a Leitura Popular da Bíblia poderia ser concebida como uma Pastoral da Linguagem. A discussão compõe-se de três partes: na primeira, discorre-se sobre o ser humano na linguagem; na segunda, aclaram-se alguns motivos que levam a admitir a necessidade de uma Pastoral da Linguagem; na terceira parte, por fim, apresentam-se algumas características da Leitura Popular da Bíblia que permitem concebê-la como uma Pastoral da Linguagem. A metodologia utilizada consistiu, sobretudo, em consulta e análise bibliográfica. A discussão apresentada, embora sumária e incipiente, encaminha à conclusão de que a Leitura Popular da Bíblia pode ser concebida como uma Pastoral da Linguagem.

Palavras-chave: Leitura Popular da Bíblia. Pastoral. Linguagem. Pastoral da Linguagem.

1 INTRODUÇÃO

As reflexões teológicas que dão sustentação teórica às pastorais urbanas ainda estão por avizinhar-se das discussões sobre a linguagem. Obras de Ferdinand de Saussure (1857-1913), Émile Benveniste (1902-1976), Roman Jakobson (1896-1982), Roland Barthes (1915-1980), Noam Chomsky (1928-), dentre outros, ainda não encontraram guarida na maior parte dos cursos e programas de pós-graduação em Teologia. Resida aí, talvez, uma das razões pelas quais as pastorais seguem desatentas a um dos temas mais importantes e incontornáveis da humanidade: a linguagem.

A par do estado dessa questão, discute-se, neste trabalho, a necessidade de uma Pastoral da Linguagem e apresentam-se algumas razões por que a Leitura Popular da Bíblia poderia ser concebida como uma Pastoral da Linguagem. A discussão compõe-se de três partes: na primeira, discorre-se sobre o ser humano na linguagem; na segunda, aclaram-se alguns motivos que levam a admitir a necessidade de uma Pastoral da

* Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: kinno_cerqueira@hotmail.com

Linguagem; na terceira parte, por fim, apresentam-se algumas características da Leitura Popular da Bíblia que permitem concebê-la como uma Pastoral da Linguagem.

A metodologia utilizada consistiu em análise bibliográfica, não se devendo olvidar, contudo, que experiência do autor como assessor na área de Leitura Popular da Bíblia influenciou sensivelmente na interpretação dos dados teóricos sucintamente assinalados. A discussão quer soar como um convite ao diálogo.

2 O SER HUMANO NA LINGUAGEM

Linguagem é uma palavra para a qual inexiste precisão conceitual. À semelhança do modelo operativo da teologia apofática, Saussure (1857-1913), considerado por muitos o pai da Linguística Moderna, esmera-se sobretudo em dizer o que a linguagem não é: para ele, a linguagem não se confunde com a *língua*, que se constitui num sistema de signos e é algo adquirido e convencional, sendo, portanto, a parte social da linguagem; nem se confunde com a *fala*, que, sendo o ato executivo da língua, opera sempre e somente sob o senhorio do indivíduo, nunca da coletividade¹. A língua, em relação à qual a fala é meio para sua execução, seria um “fato de linguagem”, ou seja, uma de suas manifestações. E a linguagem? Diferentemente da língua, que é um sistema de signos convencional e adquirido, a linguagem é uma faculdade inata ao ser humano, a faculdade que comanda os signos (Saussure, 2006, p. 17-22). Ainda neste ponto, convém sublinhar que a tripartição saussureana linguagem-língua-fala, embora considerada importante, não é observada rigorosamente pelos linguistas, razão por que, aqui e alhures, os termos linguagem, língua e fala poderão ser assumidos indiscriminadamente, tendo-se em mente, é claro, as razões pelas quais um não recobre o outro, apesar de inter-relacionados.

A língua, seja em si mesma enquanto sistema de signos, seja em seu movimento real, não é, como ingenuamente se costuma pensar, um “decalque da realidade”, como se as palavras formassem um sistema dependente das coisas nomeadas por elas: ao contrário disso, as línguas constituem-se em “construções do real” (BENVENISTE, 1989, p. 70), porquanto são maneiras de perceber o mundo e de categorizá-lo, formas distintas de

¹ A percepção da fala como ato individual ajuda a compreender por que a fala é um dos principais marcadores da personalidade de cada indivíduo em particular: não há duas pessoas capazes de falar exatamente igual.

interpretar a realidade e atividade simbólica criadora de conceitos e ordenadora da realidade (FIORIN, 2013, p. 15-18).

As linhas acima podem tornar-se mais claras quando se supera a concepção de que pensar e falar são duas atividades essencialmente distintas que, embora se conjuguem em função da necessidade de comunicação, mantêm independentes seus domínios e possibilidades, sendo a língua tão somente o conjunto de recursos oferecidos à expressão do pensamento. Segundo essa compreensão, a língua é a condição de transmissibilidade do pensamento, portanto, um meio para a consecução de um fim, a saber, a comunicação do pensamento.

Frente a essa concepção pouco problematizada, Benveniste lembra que a relação entre as categorias do pensamento e as categorias da língua são mais complexas do que se costuma pensar. Benveniste (2005, p. 68.80) sublinha que a língua não é apenas “a condição de transmissibilidade” do pensamento, mas é a “condição de realização” do pensamento. Isso se deve ao fato de que a possibilidade do pensamento está inelutavelmente vinculada à faculdade de linguagem, “pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua”.

A discussão sobre a relação entre pensamento e linguagem comporta mais um aspecto que não se pode olvidar: a relação entre linguagem e subjetividade. Benveniste (2005, p. 286) consagrou-lhe algumas páginas cuja densidade não se deixa esgotar. As linhas que seguem dão testemunho dessa densidade: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego”.

A partir dessas palavras de Benveniste, pode-se dizer que: (i) o homem *pela* linguagem supõe o homem *na* linguagem; (ii) a constituição do homem como sujeito é um ato de linguagem, que se realiza *na* linguagem e *pela* linguagem; (iii) sendo a linguagem o que fundamenta (inscreve) o conceito de ego (eu) na realidade de cada homem, que é a realidade de seu próprio ser, logo, o processo de tornar-se sujeito realiza-se no exercício da linguagem. Aqui, pode-se ver, *mutatis mutandis*, alguma “coincidência” com uma das novidades apresentadas pelo genial Lacan (2003, p. 158.194), quando disse que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” e quando concebeu “a fala como fundadora do sujeito”.

As anotações apresentadas acima, embora sumárias e obviamente incipientes, logram trazer à superfície lampejos desta realidade em que e mediante a qual o homem é

e pode vir-a-ser: a linguagem. E, se se convier reputar tal importância à linguagem, estar-se-á perto de um outro passo na reflexão, a saber, a tomada de consciência acerca da necessidade de se saber cuidar da linguagem e, conseqüentemente, da necessidade de se fomentar experiências adequadas ao desenvolvimento desse cuidado. Poder-se-ia pensar, por exemplo, numa Pastoral da Linguagem?

3 POR UMA PASTORAL DA LINGUAGEM

O significante “pastoral” presta-se a muitas possibilidades de significação, figurando como veículo de uma vasta policromia semântica e frustrando as pretensões de quem intenta fixar-lhe um único sentido. Há alguns anos, tornou-se proverbial a conceituação de pastoral proposta por Brighenti (2015, p. 724), para o qual a pastoral constitui-se numa “ação pensada, planejada e avaliada”, sempre em “resposta aos desafios concretos do contexto da comunidade eclesial, inserida na sociedade de seu tempo”. A despeito da razoabilidade dessa conceituação, emprega-se aqui o significante pastoral consoante seu sentido ao mesmo tempo mais simples e fundamental: a pastoral como poimênica, isto é, como a *ação de cuidar de*².

A importância de se resgatar o sentido poimênico do significante pastoral reside na força linguística aí presente, capaz de reconduzir comunidades de fé à autoconsciência de que são, e precisam de ser, comunidades pastoras, ajuntamentos voltados ao cuidado mútuo, comunidades cuidantes.

As comunidades de fé, porém, mesmo quando concebem a si mesmas como comunidades cuidantes e até funcionam como tal, ainda permanecem como lugares inapropriados, inóspitos e hostis ao cuidado com a linguagem. Considere-se, por exemplo, que as comunidades de fé, embora cuidantes sob vários aspectos, ainda são instâncias de monopolização da palavra e de contundente censura a quem, a seu modo, ousa reclamar ou tomar a palavra. A gravidade dessa tão frequente realidade “comunitária” ganha aspectos ainda mais assustadores quando o ato de tomar a palavra é posto sob a luz da teoria da enunciação formulada por Benveniste.

² O substantivo poimênica remonta aos seguintes termos gregos ποιμήν, *poimen* (pastor, guia), ποιμαίνω, *poimaino* (pastorear, cuidar), ποιμνη, *poimen* (rebanho) e ποίμνιον, *poimenion* (rebanho), todos presentes no Novo Testamento (cf. GINGRICH, F. W; DANKER, F. W, 1984, p. 170).

Segundo Benveniste (1989, p. 82), a “enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, ou seja, “uma instância de mediação entre a língua e a fala”, como escreve o linguista brasileiro Fiorin (2017, p. 970).

Benveniste formula uma teoria da enunciação, que a concebe como uma instância de mediação entre a língua e a fala. [...] As categorias que compõem a instância da enunciação são a pessoa, o espaço e o tempo. A enunciação é a instância do *ego, hic et nunc*, ou seja, do *eu, aqui e agora*, porque, nela, alguém, num espaço e num tempo criados pela linguagem, toma a palavra e, ao fazê-lo, institui-se como “eu”, e dirige-se a outrem, que é instaurado como um “tu” (FIORIN, 2017, p. 972, grifos do autor).

Essa síntese de Fiorin é preponderante para que se compreenda mais argutamente o significado real do monopólio da palavra, que, diga-se de passagem, corresponde à negação da possibilidade de se tomar a palavra. Atente-se à primeira categoria da enunciação: a pessoa. Ora, se é na enunciação que o homem se institui como eu, quando toma a palavra, e instaura como um tu aquele a quem se dirige com sua palavra, é igualmente verdade que a negação de condições de enunciação equivale à negação da possibilidade de instituição do eu, da fundação da subjetividade, da irrupção do sujeito, da saída da posição de abjeto, de dejecto.

A esta altura, ainda soa estranha a preocupação por uma Pastoral da Linguagem? Independentemente da resposta que se der a essa pergunta, debelem-se de antemão quaisquer pensamentos afeitos à ideia de que uma Pastoral da Linguagem consistiria na oferta de cursos sobre a linguagem ou em quaisquer iniciativas desse gênero. Não. Não obstante a importância da reflexão acerca da linguagem, uma Pastoral da Linguagem deve ser, antes de tudo, uma postura existencial de cuidado vigilante despendido na criação e manutenção de configurações comunitárias propícias à enunciação de todas as pessoas que as compuserem. Afinal, que é o homem sem a sua palavra? Nada mais que a palavra daquele outro que lhe rouba a possibilidade de vir a ser um “eu”.

O conhecimento de experiências comunitárias propícias à enunciação pode auxiliar na compreensão do que se está a chamar de Pastoral da Linguagem. A Leitura Popular da Bíblia poderia ser concebida como uma dessas experiências?

4 A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA COMO PASTORAL DA LINGUAGEM

A Bíblia é o livro mais popular da literatura ocidental e sua leitura é passível de um número infinito de abordagens. Leitura Popular da Bíblia (LPB) é como se

convencionou denominar determinada metodologia de leitura bíblica caracterizada por assumir a realidade da vida dos empobrecidos e marginalizados como ponto de partida e por fazer-se de modo circular, comunitário e ecumênico. Tendo Frei Carlos Mesters como seu principal formulador, sistematizador e expoente, a LPB consolidou-se no Brasil a partir de 1979, com a criação do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), uma associação ecumênica sem fins lucrativos.

O ponto de partida da LPB – a realidade da vida – é que solicita seu modo de ser: que é circular, comunitário e ecumênico. A circularidade, a ênfase comunitária e a abertura ecumênica depuram o olhar sobre as realidades a partir das quais serão lidos os textos bíblicos, evitando, assim, reducionismos e simplificações frequentemente comuns a grupos homogêneos e/ou marcados pelo monopólio da palavra por parte dos que se pretendem autorizados e gabaritados a determinar o significado da realidade e dos textos bíblicos.

Do modo de ser da LPB, o aspecto da circularidade costuma figurar como um artifício capaz de garantir a permanência de condições propícias à enunciação. Tendo como círculo bíblico paradigmático a conversa entre Jesus e os discípulos no caminho de Emaús (Lc 24,13-35; cf. MESTERS, 1986, p. 24-29), a LPB faz-se à maneira de uma dança enunciativa: cada pessoa pode, por sua vez, tomar a palavra e escutar a palavra; quando toma a palavra, institui-se como eu, irrompendo-se, por meio da linguagem, como sujeito que enuncia enunciando-se a si mesmo, e quando escuta a palavra, assume o lugar de um “tu”, concedendo ao outro o direito de também ser um “eu”³.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão entretecida neste trabalho logrou assinalar (i) a importância do tema linguagem e (ii) explicitar a necessidade de uma Pastoral da Linguagem, assim como concluiu pela percepção segundo a qual (iii) a LPB pode ser concebida como uma Pastoral da Linguagem.

REFERÊNCIAS

³ Para uma melhor compreensão da intuição e prática da LPB, cf. CERQUEIRA, Kinno Alves. Leitura popular da Bíblia: intuição e prática. In: *Anais Eletrônicos do V Simpósio Cristianismo e Interpretações*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 30 e 31 de outubro de 2019.

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BRIGHENTI, Agenor. Pastoral. In: PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 716-724.
- CERQUEIRA, Kinno Alves. Leitura popular da Bíblia: intuição e prática. In: Anais Eletrônicos do V Simpósio Cristianismo e Interpretações. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 30 e 31 de outubro de 2019; p. 21-26. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ocs/index.php/simpcris/simpcrisxix/paper/view/1591/395>>. Acesso em: 10 SET 2021.
- FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, J. L (org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013, p. 13-43.
- FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 970-985, set.-dez. 2017.
- GINGRICH, Félix Wilbur; DANKER, Frederick William. *Léxico do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- LACAN, Jacques. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 195-197.
- LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 139-172.
- MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

Pastoral Urbana e Sobriedade: Reuniões on-line, nova realidade dos Grupos de A.A.

*Douglas Jorge Arão**

RESUMO

“Pior do que esta crise, só o drama de a desperdiçar, fechando-nos em nós mesmos” (Papa Francisco. Homilia da Missa de Pentecostes 2020. Disponível em: <https://ssccregiaobrasil.com.br/religiao/pentecostes-papa-francisco-o-segredo-da-unidade-na-igreja-o-segredo-do-espírito-e-o-dom/>. Acesso em 30 out. 2021), advertiu-nos o Santo Padre o Papa Francisco, na homilia da celebração que presidiu na Basílica de São Pedro, na celebração de Pentecostes de 2020. O impacto com a realidade do distanciamento, da impossibilidade de reuniões e a necessidade de se evitar aglomerações, foi sentido de maneira muito forte, especialmente em grupos de pessoas que usam a troca de experiências, os depoimentos e testemunhos reais de suas vidas como forma terapêutica para superar a própria incapacidade e impotência perante a droga lícita do álcool como é o caso dos Alcoólicos Anônimos (A.A.). O modo como esses grupos enfrentaram a crise, investindo tempo e criatividade, em um esforço comum para tornar realidade as reuniões on-line de A.A., é o objeto deste trabalho. Por motivos óbvios, a identidade dos grupos e de seus membros devem permanecer ignotas ao leitor.

O método utilizado consta de partilhas de membros dos grupos, colhidas durante seis meses de participação nas reuniões online, a eficácia cotidiana da forma on-line (“só por hoje”), com o objetivo de perceber possíveis contribuições para a Pastoral Urbana.

Conclui-se que a modalidade remota das reuniões permitiu um alcance maior dos grupos, crescimento considerável de seus participantes e eficácia nos resultados de abstinência de seus membros, dentre outros aspectos positivos.

Palavras-chave: Pastoral Urbana. Alcoólicos-Anônimos. Sobriedade. Teologia.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Programa de 12 passos

O programa de recuperação de Alcoólicos Anônimos é proposto em 12 Passos. É preciso ter presente que a doença do Alcoolismo (CID 10 Y90 e Y91) é considerada crônica e incurável, se o doente alcoólico não se submete à recuperação, é uma doença fatal. Não há cura, pois, mas há tratamento.

Logo no início da “Irmandade de A.A.”, como é nominada pelos seus membros, foi escrito um livro chamado “Alcoólicos Anônimos”, livro este que deu nome à própria irmandade nascente que é considerado o livro base de Alcoólicos Anônimos. Contém seu

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Lateranense de Roma, Professor de Filosofia na PUC-Minas. E-mail: djarao@gmail.com

programa de recuperação como seus cofundadores, principalmente Doutor Bob e Bill W., o idealizaram. Neste livro encontra-se o programa em 12 passos.

O primeiro passo diz respeito ao alcoolismo propriamente dito e a necessária admissão de impotência diante da adição ao álcool, o Passo diz, literalmente: “Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.”

O segundo passo reconhece o Poder Superior como o único capaz de “devolver a sanidade”. O terceiro passo diz “Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.” Sim, pois, A.A. não exige crenças e nem delimita o modo como seus membros devam conceber o Poder Superior. Pode-se notar neste passo a característica fundamental da tolerância religiosa e também com relação a ateus e agnósticos. De fato, o Livro “Alcoólicos Anônimos” tem um capítulo somente sobre esses.

O quarto passo, “Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos”, propõe um amplo e verdadeiro exame de consciência e uma auto avaliação constantes. Posteriormente a isso, o admitimos, perante Deus, perante si mesmo e perante outro ser humano, a natureza exata das falhas, o abandono nas mãos de Deus para que retire esses defeitos de caráter, a oração para que essa remoção seja constante, que são o quinto o sexto e o sétimo passos. É hora, então, de se fazer a reparação dos danos causados a uma lista de pessoas que tenham sido prejudicadas, de qualquer modo, pelo tempo de “militância alcohólica”, salvo quando fazer essas reparações significar prejudicar, ainda mais as pessoas ou a outros – oitavo, nono e décimo passo.

O décimo primeiro passo é considerado o ponto de gozo dos resultados de uma vida espiritual autêntica e madura, que consiste em procuramos, através da prece e da meditação, melhorar o contato consciente com Deus, na forma em que cada um O concebe, “rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós e forças para realizar essa vontade.”

Hora da missão, o décimo segundo passo reza que “tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.”

Como se pode notar, o único passo que se refere à abstinência é o primeiro passo que tem de ser assumido imediatamente, embora seja corrente entre os membros de A.A. a constatação de que “a recaída faz parte da doença, não da recuperação”. Os demais passos são um caminho de reparação, caridade e espiritualidade.

Sobre a importância deste programa de recuperação, pode-se mencionar que Bill Wilson, cofundador de A.A., foi considerado uma das 100 personalidades mundiais do século XX entre os “Heróis e ícones” do Século (Alcoholics Anonymous World Services, Alcoólicos Anônimos. Disponível em: <https://pt.scribd.com/read/437334302/Alcoolicos-Anonimos>. Acesso em 27 out. 2021)

2 A IGREJA SAMARITANA. ESTAR PRESENTE

O Papa Francisco exorta os fiéis e todos os homens de boa vontade que “Na pastoral urbana, a qualidade será conferida pela capacidade de testemunhar por parte da Igreja e de cada cristão. Quando dizia que a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração, o Papa Bento XVI falava precisamente disto. O testemunho que atrai, que desperta a curiosidade das pessoas” (Papa Francisco. Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral nas Grandes Cidades. Cidade do Vaticano 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html. Acesso em: 25 out. 2021)

A décima primeira tradição vai na mesma direção quando afirma que “Nossa política de relações públicas se baseia na atração em vez da promoção; precisamos sempre manter o anonimato pessoal na imprensa, rádio e filmes.”

Outros pontos de contato entre a Irmandade de A.A. e a Pastoral Urbana é o fato de ambas irem ao encontro das Diversidades. Existem reuniões virtuais para pessoas que se identificam com a diversidade LGBTQIA+. A Pastoral Urbana, atenta às “culturas que se vão gerando no seio das cidades”, exorta, ainda o Papa, “mediante o testemunho, podemos incidir sobre os núcleos mais profundos, onde nasce a cultura. A Igreja semeia o pequeno grão de mostarda através do testemunho”.

Sobre a necessária atenção ao ecumenismo, vemos um outro ponto de contato. As plataformas online da JUNAAB (Junta de Serviços Gerais de A.A. no Brasil), são feitas reuniões para agnósticos e ateus, fazendo eco à preocupação do Papa Francisco quando afirma que:

Através da pastoral social, da Caritas e de diversas organizações, como a Igreja sempre agiu ao longo dos séculos, podemos responsabilizar-nos pelos mais pobres mediante obras significativas, gestos que tornem presente o Reino de Deus, manifestando-o e dilatando-o. Mas inclusive aprendendo a trabalhar juntamente com quantos prestam serviços deveras eficazes em benefício das pessoas mais pobres. Trata-se de um espaço muito propício para a pastoral do

ecumenismo caritativo, no qual assumimos compromissos de serviço aos mais pobres juntamente com os nossos irmãos pertencentes a outras Igrejas e Comunidades eclesiais (JUNAAB. Comitês. Disponível em: <https://www.aa.org.br/membros/comites>. acesso em: 27 out. 2021).

Encontra-se no site oficial da JUNAAB, <https://www.aa.org.br/membros/>, a lista completa das reuniões online. Em cada unidade da federação, vislumbra-se a preocupação de inclusão das diversidades e ecumenismo para reafirmar que nunca será um impedimento a opção sexual e de gênero da pessoa ou mesmo sua religião ou falta desta, pois a terceira tradição amplia o horizonte quando reza que “O único requisito para ser membro de A.A. é o desejo de parar de beber.” Sobre a inclusão, recentemente o “Preâmbulo de A.A.”, como é conhecida a autodefinição desta irmandade mudou o início de seu enunciado. Antes, “Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham, entre si, suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo.” Agora, “Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de pessoas que compartilham, entre si, suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo.”

Esforços de ambos os lados diante de um desafio urbano de chegar e socorrer os mais excluídos da sociedade, o irmão alcoólatra que ainda bebe, no caso de A.A. e o socorro ao ser humano, principalmente “os pobres, os excluídos, os descartados. Hoje, podemos falar de descartados. A Igreja não pode ignorar o seu clamor, nem deve entrar no jogo de sistemas injustos, mesquinhos e interesseiros, que procuram torná-los invisíveis.” Dois grandes desafios da Pastoral Urbana que, muitas vezes, são as dores de um mesmo ser humano.

3 “NOSSAS REUNIÕES SÃO ABERTAS”

A participação nas reuniões deste “novo normal de A.A.”, como são chamadas as reuniões online, é muito acessível, basta fazer uma busca simples na internet com temas sobre “Alcoolismo”, A.A., Dependência Química, e afins, que logo aparece nos resultados o site www.aa.org.br. Basta escolher o link da reunião e do horário desejado e entrar na reunião. As reuniões são abertas, mesmo para não alcoólicos. Todavia, como o próprio nome da irmandade mostra, o anonimato é fundamental. “O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.” Se de um lado, anonimato significa que

tudo que se passa na reunião deve permanecer em segredo e que a mensagem é a única coisa que deve ser propagada. Esta propagação da mensagem é função, especialmente, aos CTO's (Comitê Trabalhando com os Outros). A finalidade básica do CTO é organizar, estruturar, padronizar e facilitar a divulgação da mensagem de A.A. Outra implicação do anonimato é colocar os “princípios acima das personalidades”, de fato, em A.A. não existe uma hierarquia, todos os serviços obedecem a uma rotatividade, esta rotatividade, tão necessária e tão urgente nas comunidades católicas e, principalmente nos agentes que atuam na Pastoral Urbana, em A.A. funciona. Não existe um Guru, Guia, Superior ou qualquer nome que se possa dar, os que têm mais tempo de sobriedade em A.A., chamados veteranos, ou, carinhosamente “Dinossauros”, são como o último ingressado nas “Reuniões de Novos”, denominação que se dá às reuniões cujos convidados são os recém ingressados, zero a três meses, geralmente, sem rigidez.

Notadamente, o que dá espaço a confiança de se declarar um alcoólico em recuperação em uma sala virtual aberta, parece ser o fato de não ser um ambiente moralista, como infelizmente são muitas das comunidades paroquiais, grupos, pastorais e movimentos eclesiais, onde os limites, falhas, feridas, contradições, são, muitas vezes, escamoteados, disfarçados, escondidos. Invariavelmente, quando vêm à tona esses limites, falhas, feridas, contradições, causam muita dor ou revolta pela incapacidade de admiti-los. Ao contrário, em A.A., o primeiro passo é esta admissão. “Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.”

4 CONCLUSÃO, UMA PRIMEIRA PROPOSTA: SAIR E FACILITAR

O Papa Francisco clama por “uma verdadeira transformação eclesial, e tudo ponderado em chave de missão. Uma mudança de mentalidade: do receber ao sair, do esperar que venham ao ir à sua procura.” “Esta é a chave!” (Papa Francisco. Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral nas Grandes Cidades. Cidade do Vaticano 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html. Acesso em: 25 out. 2021).

Em um adjetivo da língua inglesa, a preocupação do Papa faz-se sentir, de fato, o termo que traduz a ideia de “bairrista”, ou seja, o indivíduo fechado em seu próprio “mundinho”, é o termo “paroquial” (parochialist). Lamentável. A exuberância de uma Igreja em saída é embotada por um moralismo e um preconceito com relação ao diferente,

ao outro. Contudo, este outro é o Outro, é o Cristo. Esta verdade é ainda mais dramática no ambiente urbano, pois, a cidade é o lugar da diversidade, de todas as diversidades. As paróquias, grupos, pastorais e movimentos não são ilhas ou oásis onde os “iguais” se reúnem em uma bolha de proteção. A diversidade está nos bancos das Igrejas (se ainda não foram expulsas pelos bastiões da moral e dos bons costumes) e em todos os lugares. A aceitação, o não julgamento encontrado em 6 meses de frequência em reuniões de 2 grupos online (cujos nomes não podem ser mencionados por causa do Anonimato, undécima tradição) mostra claramente que a Pastoral Urbana tem muito que aprender com o anúncio e a missão concretas e quotidianas de A.A..

REFERÊNCIAS

Alcoholics Anonymous World Services, Alcoólicos Anônimos. Disponível em: <https://pt.scribd.com/read/437334302/Alcoolicos-Anonimos>. Acesso em 27 out. 2021
JUNAAB. Comitês. Disponível em: <https://www.aa.org.br/membros/comites>. acesso em: 27 out. 2021.

Papa Francisco. Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral nas Grandes Cidades. Cidade do Vaticano 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html. Acesso em: 25 out. 2021

Papa Francisco. Homilia da Missa de Pentecostes 2020. Disponível em: <https://sscregiaobrasil.com.br/religiao/pentecostes-papa-francisco-o-segredo-da-unidade-na-igreja-o-segredo-do-espírito-e-o-dom/>. Acesso em: 30 out. 2021.

Os desafios do anúncio do reino no mundo urbano

Francisco Gessenilton do Nascimento*

Marcílio Oliveira da Silva**

Pedro Henrique Araújo Filgueiras Carvalho Pessoa***

RESUMO

Tendo em vista o atual contexto urbano, cada vez mais plural, diverso e complexo, este trabalho tem como objetivo perceber os desafios do anúncio do reino nos tempos de hoje, partindo do tema da evangelização urbana. Sabemos que a expansão e anúncio do Reino de Deus está intimamente relacionado com nossa ação evangelizadora e missionária. Contudo, mesmo com toda dinamicidade, muitos problemas podem se impor a seu anúncio. Por isso, a partir da metodologia bibliográfica, buscamos compreender como o reino de Deus tem sido pregado, de modo especial no atual contexto de grandes mudanças sócio-políticas, e quais são os principais obstáculos que ao seu anúncio se antepõem. Ao final da pesquisa, concluímos que o anúncio do Reino dos Céus precisa ser atualizado, sem antes mudar a mensagem evangélica.

Palavras-chave: Reino de Deus. Anúncio. Urbanização.

1 INTRODUÇÃO

Frente ao atual contexto urbano, cada vez mais complexo, este trabalho, a partir da metodologia bibliográfica, tem como objetivo perceber os desafios do anúncio do reino nos tempos de hoje. Sabemos que a propagação e anúncio do Reino de Deus está intimamente ligado com nossa ação evangelizadora e missionária. Entretanto, muitos problemas podem impedir o seu anúncio. Por isso, a Igreja é chamada a adaptar a mensagem evangélica que acompanhe as grandes mudanças sócio-políticas, no entanto, sem mudar a mensagem evangélica.

2 EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO URBANO: DESAFIOS E PROPOSTAS

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-lhes a guardar tudo o que vos tenho ordenado.

* Graduado em Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2017). Graduado em bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (2020). E-mail: gesse_vipe@hotmail.com

** Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2012). Graduação em Teologia pela Faculdade Diocesana de Mossoró (2016). Mestrado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (2018). E-mail: marcveni4312@gmail.com

*** Graduando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio. E-mail: pedoh157123@gmail.com

Eu estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,19-20). Estas palavras do mestre Jesus se estende a todos os povos de todos os tempos, devem ecoar ainda hoje na voz da Igreja peregrina.

Baseado neste mandato missionário, o Papa Paulo VI, na encíclica *Evangelii nuntiandi* (1975), sobre a evangelização no mundo moderno, já dizia: "Nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja"; tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes”.

De fato, desde de muito tempo se tem reafirmado o papel primordial da Igreja, a evangelização, sua vocação, sua atividade primeira. Ela existe exatamente para evangelizar. Contudo, a ação evangelizadora da Igreja requer constante adaptação de acordo com cada época. Por isso, o Concílio Vaticano II já alertava para isso ao afirmar: “A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma”¹.

No atual Pontificado do Papa Francisco, o desejo de reforma da Igreja está cada vez mais forte. Nunca se ouviu tanto a expressão “Igreja em saída”. Francisco deseja que sejamos ousados, tomemos a iniciativa de ir ao encontro das pessoas. Em outro momento ele afirma: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, do que uma Igreja enferma pela oclusão e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”².

Segundo o Documento de Aparecida, a Igreja deve “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé”³. À luz de todos os documentos acima mencionados, a Igreja deve buscar cada vez mais se renovar em seu modo de transmitir a mensagem evangélica, sem antes perder a verdade imutável da Palavra de Deus.

Frente a isso, surgem alguns desafios do anúncio do Reino nos dias de hoje. Mencionaremos em seguida alguns aspectos que dificultam este anúncio. O primeiro deles é o processo de urbanização, iniciado no Brasil no século XX, com êxodo rural, Com essas novas geografias humanas, surgem linguagens, símbolos, mensagens muitas vezes em contraste com o Evangelho⁴.

¹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1964, n° 24.

² FRANCISCO, 2013, n° 24;10;49.

³ APARECIDA, n. 365.

⁴ FRANCISCO, 2013, n° 73.

Acompanhado do crescimento das cidades surge um fenômeno chamado de ateísmo prático, no qual não se negam as verdades de fé ou os ritos religiosos, mas simplesmente consideram irrelevantes. Com isso, as pessoas se relacionam com Deus de modo superficial, ou ainda pior, vivem como se Deus não existisse. Com o passar do tempo este modo de viver leva algo ainda pior, a indiferença de fé e até mesmo do próprio Deus⁵.

Ainda, vemos a crise das relações familiares, a célula da sociedade, onde se transmite a fé e se aprende a conviver consigo mesmo e com o próximo, está fragilizada, assim como as demais relações sociais. O matrimônio não tem sido levado a sério. As relações têm se construído de qualquer forma, bem como é desfeito de uma hora para outro. Diante de tudo isso, os filhos se veem fragilizados.

Por outro lado, com o advento das novas tecnologias surgem novas experiências de espaço. Existem agora novas formas de contato, do olho no olho, de rações. Os indivíduos, por meio de seus aparelhos eletrônicos, abrem-se ao mundo. Do seu lugar, podem experimentar realidades diversas, conhecer pessoas dos mais variados lugares no mundo.

No entanto, nem sempre sabemos aproveitar os meios de comunicação. Algumas emissoras, ligadas à Teologia da prosperidade, a programação gira em torno apenas dos inúmeros “milagres”. Não é raro ligarmos a Tv e nos depararmos com pessoas relatando supostas curas, ou ainda, levantando cadeiras de rodas, testemunhando o milagre de voltar a andar, correndo de um lado para outro da Igreja. Também, ouvirmos testemunho tais como: “Depois que aceitei Jesus tenho salário bom, Casa boa, Carro na garagem”

Apesar de toda dinamicidade ao anunciarmos o Reino de Deus, precisamos ainda mais avançarmos nos novos espaços. Isso exigirá de nós uma linguagem própria e adaptada a essas novas realidades. Como nas primeiras comunidades, a evangelização deve começar com o anúncio querigmático, o chamado kerígma. Conforme o Documento de Aparecida, é “o anúncio que proporciona um autêntico encontro com Jesus Cristo, que leva à conversão de vida, ao discipulado, à comunhão eclesial e à missão.⁶

Segundo Silva, evangelizar é ser como Jesus agiu com os discípulos de Emaús, inserir-se na conversa dos outros, enturmar-se, aproximar-se da realidade das pessoas,

⁵ BENTO XVI., 2012, s/p.

⁶ CELAN, 2007, n° 80-83.

ouvir suas dúvidas e angústias, compadecer-se dos sofrimentos⁷, mesmo de forma remota, por meio de lives nas mais diversas plataformas digitais.

Esse “inserir-se” vai de encontro com o Sínodo convocado pelo Papa Francisco para 2023, que tem como tema “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão, o qual tem como diferencial a escuta das aflições, anseios e sonhos da Igreja e da sociedade. Esse deve ser o caminho da Igreja: ouvir, caminhar junto e anunciar a palavra de Deus.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do atual contexto urbano, devemos perceber os desafios e propostas para o anúncio do reino. Entretanto, muitos problemas podem impedir o seu anúncio. Por isso, ao final da nossa pesquisa, concluímos que a Igreja é chamada a adaptar a mensagem evangélica que acompanhe as grandes mudanças sócio-políticas, no entanto, sem mudar a mensagem evangélica.

Entretanto, devemos continuar buscando adaptar a linguagem do anúncio ao contexto de cada época. Diante disso, remeto-me à sabedoria de Rosa, em seu poema “Travessia”, em Grande Sertão: Veredas, quando nos lembra: “o real das coisas da nossa vida não está na saída nem, tampouco, na chegada, ele – o real – vai se revelando para nós no meio da travessia”.

REFERÊNCIAS:

BENTO XVI. **Audiência Geral, de 14 de novembro de 2012**. Sobre o Ano da Fé. Vaticano: Praça de São Pedro, [2012]. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução de Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2000.

CELAM. **Documento de Aparecida**: V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Aparecida: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Unitatis redintegratio**: Decreto sobre o ecumenismo. Vaticano: Praça de São Pedro, 1964.

⁷ SILVA, 2015, p. 124.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, Aline Amaro da. **Cibergraça**: Fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede. Porto Alegre, 2015. Dissertação (Mestrado em teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A Encíclica *Fratelli tutti* e suas contribuições para a promoção da paz e solidariedade no mundo urbano

Waldir Souza¹
Rivael de Jesus Nascimento²

RESUMO

O artigo tem como objetivo apresentar a carta encíclica do Papa Francisco intitulada *Fratelli Tutti*, esta aborda o tema da amizade e fraternidade social. A abordagem é centrada nos aspectos que constroem a paz no mundo urbano. Nas lacunas existentes das grandes cidades, o amor cristão é sinal de esperança em meio aos “apagões existenciais”. O objetivo do artigo é apresentar a fraternidade e a amizade social, diante de um mundo urbano, gerador de violência. O texto vai apontar no primeiro tópico as sombras e a realidade obscura que a humanidade atravessa, onde os limites e as fraquezas ficaram mais em evidência com a pandemia causada pelo coronavírus. O segundo tópico abordará a necessidade de um pensamento ampliado sobre o amor diante de uma cultura transformada que necessita de universalidade e solidariedade. O terceiro tópico abordará a importância do diálogo para uma cultura da paz. As considerações finais oferecerão as pistas de ação de acordo com o que o Papa Francisco orienta a humanidade para o testemunho dos vínculos do amor cristão, e o cuidado com a Casa Comum, diante da necessidade de preservação do meio ambiente e sua importância na vida urbana, em todas as cidades. O método usado no artigo é o dedutivo com uma metodologia qualitativa bibliográfica.

Palavras-chave: Fraternidade. Amor. Urbano. Amizade. Solidariedade

1 INTRODUÇÃO

O Papa Francisco ao publicar a carta encíclica *Fratelli Tutti*, no dia 03 de outubro de 2020 reforça os ideais de fraternidade e amizade social na promoção do diálogo e transformação do mundo urbano. Para a compreensão do texto que aqui se apresentara se destaca a palavra urbe, que se entende como aglomerado de pessoas que se transformam socialmente e culturalmente. O seu radical vem do grego *urbs* que se contextualiza com subúrbio, cidade, urbano. Com essa temática do urbano, se desenvolve as palavras do Papa Francisco com seu olhar direcionado a fraternidade e a paz que tanto o mundo

¹Waldir Souza: Pós-doutorado em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor no Bacharelado em Teologia da PUCPR. Professor no PPG em Teologia da PUCPR. Professor no PPG em Bioética da PUCPR. Contato: waldir.souza@pucpr.br

²Rivael de Jesus Nascimento: Doutorando em Teologia (PUCPR). Mestre em Teologia (PUCPR) (2010). Especialista em Formação Pedagógica para professor universitário. Graduação em Teologia pela PUCPR (2008). Graduação em Teologia. (2007). Padre Católico da Arquidiocese de Curitiba, atuando no Santuário Nossa Senhora de Lourdes. Contato: pe.rivael@gmail.com

precisa em um contexto de mudança que a Igreja já vem mostrando em seu magistério nos últimos 60 anos.

Francisco revela na *Fratelli Tutti* uma mensagem de esperança para lembrar a humanidade com suas fragilidades e feridas, geradas pela pandemia em que o mundo todo sente a importância da certeza que Deus habita na cidade. O sagrado está presente na vida urbana, e se contempla na cultura. Este pensamento está presente desde o início de seu magistério, que aborda o tema da cultura:

Novas culturas continuam a formar-se nestas enormes geografias humanas onde o cristão já não costuma ser promotor, ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem orientações da vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho de Jesus. Uma cultura inédita palpita e está na elaboração da cidade. (EG 73)

Na *Evangelium Gaudium* que se compreende como um Vade Mecum do magistério do Papa Francisco, ele reforça a ideia que a cultura transformada exige novos espaços de evangelização, embora seja um ambiente de contraste, eis a necessidade de diálogo.

A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque ao mesmo tempo em que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe também numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos. Esta contradição provoca sofrimentos lancinantes. Em muitas partes do mundo, as cidades são cenários de protestos em massa, onde milhares de habitantes reclamam liberdade, participação, justiça e várias reivindicações que, se não forem adequadamente interpretadas, nem pela força poderão ser silenciadas. (EG 74)

O Sumo pontífice aponta essa ideia na *Evangelium Gaudium* onde o sentido da vida plena do presente no Evangelho continua sendo o ideal para a dificuldade da vida urbana, para a promoção da paz e da justiça onde o cristão fecunda a vida no chão da cidade. O texto que se seguirá são as indicações do antigo cardeal argentino, Jorge Bergoglio, que viveu em uma grande capital, Buenos Aires e, portanto, testemunha com convicção a importância da solidariedade e a paz no contexto urbano.

2 AS SOMBRAS DE UMA CULTURA FECHADA EM SI MESMA

A cultura presente na vida urbana não favorece o acesso ao bem e a justiça para todos, pois embora com tantas facilidades de expressão, ora se nota num fechamento em si mesma. O dano de uma cultura fechada afasta o ser humano de sua consciência

histórica, onde inibe um projeto de vida para todos e com graves consequências para a coletividade, onde os pobres, crianças e idosos são os que mais sofrem. Na pandemia os idosos são os que mais sofrem e se tornam vulneráveis. Francisco aponta essa realidade, na Fratelli Tutti:

Vimos o que aconteceu com as pessoas de idade em algumas partes do mundo por causa do coronavírus. Não deviam ter morrido assim. Na realidade, porém, já tinha acontecido algo semelhante devido às ondas de calor e a outras circunstâncias: idosos sendo cruelmente descartados. Não nos damos conta que isolar os idosos e abandoná-los à responsabilidade de outros, sem um acompanhamento familiar adequado e amoroso, empobrece a própria família. (FT 20)

Francisco indica a questão com os idosos, mas há outras formas de pobreza, o analfabetismo virtual, a violência que fragiliza mulheres e crianças. Neste campo social, há uma redução da visão antropológica do ser humano, faltando paz e segurança para a humanidade. Neste cenário todos se cercam de grandes muros e tropeçam nos vulneráveis das grandes cidades, com fome, dores e sofrimentos que ameaçam a vida. A humanidade foi perdendo aos poucos o sentido de pertença, o sonho de paz parece uma utopia do passado.

Há uma necessidade urgente quando passar a crise sanitária mundial causada pela pandemia deste tempo, um reforço para os novos rumos da humanidade, longe de egoísmos e uma cultura do encontro, para que de fato haja uma renovação.

O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas proximidade, a cultura do encontro, sim. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim. (FT 30)

No término deste primeiro item destaca-se ainda que na vida urbana as informações podem ser apresentadas sem inspirar o encontro, uma cultura seletiva que gera preconceito e violência, há urgência de escuta e de silêncio. Muitas informações não educam para a fraternidade e para a atenção com a vida. Há necessidade de profetismo para a cultura da vida e a esperança que se sobressai no mundo, esta desinstala e se abre à beleza da vida e ocorra encontros para a vida nas grandes cidades.

3 O QUE TRANSFORMA A CULTURA DO URBANO?

No caos da vida urbana, onde a indiferença impera e gera exclusão, é urgente o fortalecimento dos vínculos de fraternidade, para a superação de uma mentalidade de ilhas, quando o ser humano pensa em si e somente gera sinais de morte. A hospitalidade pautada no amor continua sendo algo transcendente para a abertura e para que as pessoas tenham dignidade. Existe neste tempo presente uma urgência na promoção do bem para a superação do individualismo.

O individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos. A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade. Nem pode preservar-nos dos tantos males que se tornam cada vez mais globais. Mas, o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer. Ilude. Faz nos crer que tudo se reduz a deixar a rédea solta às próprias ambições, como se, acumulando ambições de seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum. (FT 105)

O ser humano em um mundo fragilizado pós pandemia precisa sentir a importância de criar vínculos para a solidariedade. Francisco ensina o mundo sobre as lições de gratuidade mostrando que:

Quem não vive a gratuidade fraterna transforma sua existência em um comércio cheio de ansiedade: está sempre medindo aquilo que dá e recebe em troca. Em contrapartida, Deus dá de graça chegando a ponto de ajudar mesmo os que não são fiéis e “faz nascer o seu sol sobre os bons” (Mt 5, 45). Por isso, Jesus recomenda: “Quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz a direita, de modo que a tua esmola fique em segredo” (Mt 6, 3-4). Recebemos a vida de graça; não pagamos por ela. De igual modo todos podemos dar sem esperar recompensa, fazer o bem sem pretender outro tanto da pessoa que ajudamos. (FT 140)

Neste sentido de gratuidade a cultura do urbano deve favorecer o testemunho do amor e o reforço dos laços universais, de amizade, não somente entre as regiões de um país, tão grande como o Brasil, mas entre países vizinhos, que ultrapassem suas fronteiras e ofereçam esperança e dignidade para os sofredores deste tempo presente.

4 O DIÁLOGO E A AMIZADE SOCIAL PARA A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA.

Qual seria a relevância da aproximação dentro da vida urbana? Diante de uma sociedade informatizada e que se comunica por redes, qual seria a relevância do diálogo?

O diálogo se torna essencial para o desenvolvimento da cultura, dentro da família e em toda a sociedade. Este não pode ser confundido com as agressões que se vê nas redes sociais em clima de competitividade e ameaças. O diálogo sincero é meio para sustentar o bem comum. Neste cenário, o cristão é chamado a ser agente do diálogo para a superação de uma mentalidade doentia.

Em uma sociedade pluralista, o diálogo é o caminho mais adequado para reconhecer o que sempre deve ser afirmado e respeitado e que vai além do consenso ocasional. Falamos de um diálogo que precisa ser esclarecido e enriquecido por razões, argumentos racionais, perspectiva variadas, contribuição de diversos conhecimentos e ponto de vista, e que não exclui que é possível chegar a algumas verdades fundamentais que devem ser sempre defendidas. (FT 211).

Por isso, a necessidade de uma cultura do encontro (EG 237), para a superação das diferenças, e para a abertura do conhecimento do outro. Os cristãos se inspiram na certeza que Deus está presente na sociedade e todos tem direitos que são invioláveis. A ação para o bem deve estar presente em uma cultura que exclui o sagrado e a compaixão do cotidiano das pessoas. Desta maneira, os homens e as mulheres de hoje são chamados (as) a serem mediadores (as) da paz, sem esperar retornos para si mesmos, mas, na construção da felicidade que faz cair os muros da segregação e separação, para que haja a instauração do Reino da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E, para concluir, aqui se recorda o encontro recente do Papa Francisco em Roma, na sala de bênçãos, na segunda feira em 04 de outubro de 2021, em um encontro de fé e ciência: rumo à Cop 26. (reunião que contará com o encontro de 197 nações, que discutirão as ações climáticas e o cuidado com o ecossistema, em Glasgow na Escócia, de 31/10 – 12/11/2021). Neste encontro, ele apresentou três chaves de leitura para as ciências, a promoção da paz, a superação da violência e da fome nas cidades. O olhar da interdependência e da partilha – onde recorda que a humanidade toda está conectada. Uma visão que brota do olhar de Deus e sua Criação, recordando que a família humana é única e tudo no mundo está interligado, tudo se relaciona, no dom da criação divina. Eis os pontos que o Papa aborda em seu discurso:

- a) O motor do amor – este vai além das fronteiras, que supera a ganância, a indiferença, inibe a violência e cria vínculos.

- b) Vocação ao respeito – respeito pela criação, pelo próximo e por si mesmo, diante de Deus.

Ainda o Papa Francisco sintetiza no final deste encontro:

O olhar da interdependência e da partilha, o motor do amor e a vocação ao respeito: eis três chaves de leitura que me parecem iluminar o nosso trabalho pelo cuidado da casa comum. A *COP26* de Glasgow é urgentemente chamada a oferecer respostas eficazes à crise ecológica sem precedentes e à crise de valores em que vivemos e, assim, dar uma esperança concreta às gerações futuras: queremos acompanhá-la com o nosso empenho e a nossa proximidade espiritual. (FRANCISCO, 2021, p.3)

Com essa ótica também a *Fratelli Tutti* reforça a ideia de que chama atenção do mundo para a paz e a promoção do amor dentro da coletividade, onde todos são chamados a serem felizes. Eis a necessidade do encontro com a cultura na dinâmica da cidade e esta possibilite a unidade e a superação da indiferença. “Reconhecemos a presença de Deus em cada contexto histórico, inclusive no mundo atual, cada vez mais urbano.

Por isso, a cidade se torna imagem importante para ação evangelizadora de nossos dias”. (CNBB, 2019, 47). Por isso, é necessário ouvir o outro, dialogar e abrir caminhos para a construção de pontes e partilha de saberes. Neste caminho percorreram as vias da existência Francisco de Assis, Mahatma Gandhi, Charles de Foucauld, Madre Teresa de Calcutá e Dulce dos Pobres no Brasil. Todos candeeiros que iluminaram a existência em uma sociedade de pobreza e escuridão. Que a humanidade toda possa seguir os seus exemplos e, assim ajudar a muitos apagões existências a serem iluminados com as lentes do amor que geram a vida e a esperança.

REFERÊNCIAS

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2013**. Brasília: CNBB, 2019.

FRANCISCO, [Papa]. **Evangelii Gaudium**. A Alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, [Papa]. **Fratelli Tutti**. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, [Papa]. **Discurso do Papa Francisco**. Sala de Bençãos. Segunda-feira, 4 de outubro de 2021.

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211004-religione-scienza-cop26.html> Acesso em 05 de out de 2021.